



## ENCONTRO DE CÚPULA

# Duelo estratégico em Pequim

Donald Trump é recebido com pompa na China para dois dias de visita de Estado e negociações de longo alcance com o colega Xi Jinping. Na pauta, comércio bilateral, big techs, Taiwan e a guerra no Oriente Médio

» SILVIO QUEIROZ

A presença nutrida dos executivos-chefes (CEOs) das principais empresas de tecnologia dos Estados Unidos deu o tom das expectativas do presidente Donald Trump na primeira visita à China em seu segundo mandato — a primeira de um presidente dos Estados Unidos ao grande rival desde que ele próprio desembarcou em Pequim em novembro de 2017, em seu primeiro período na Casa Branca. A agenda oficial, marcada pelo cerimonial pomposo, teve início com um encontro entre Trump e o colega chinês, Xi Jinping, no Grande Salão do Povo, na Praça da Paz Celestial, na manhã de hoje (noite de ontem em Brasília). Os líderes trocaram um aperto de mãos diante de altos funcionários e dezenas de crianças com bandeiras dos dois países.

No centro da pauta dessa e de outras reuniões previstas para os dois dias de compromissos, estão os principais nós das relações bilaterais — em especial, comércio e tecnologia de ponta —, com lugar destacado para a guerra dos EUA e Israel com o Irã, os impactos para as duas maiores economias do mundo e o apoio militar de Washington a Taiwan, que o regime comunista considera parte inalienável do país.

"A China está disposta a ampliar a cooperação e administrar as diferenças", afirmou o porta-voz da chancelaria chinesa, Guo Jiakun. Durante o voo, o visitante postou na própria plataforma, a Truth Social: "Pedirei ao presidente Xi, um líder de extraordinária distinção, que 'abra' a China para que as pessoas brilhantes possam fazer sua magia e ajudar a erguer a República Popular a um nível ainda mais elevado!"

Trump desembarcou acompanhado dos CEOs da Tesla, Elon Musk, da Nvidia, Jensen Huang, e de outros empresários que dão nomes e caras à ofensiva desenhada em Washington para confrontar a ascensão chinesa e terrenos críticos da tecnologia que baliza o desenvolvimento da economia no século 21, como inteligência artificial, computação quântica e a substituição dos combustíveis fósseis.

### Pontos críticos

A atuação das big techs, especialmente na inteligência artificial, está

Brendan SMIALOWSKI/AFP



Trump é recebido por Xi na entrada do Grande Salão do Povo, na Praça da Paz Celestial: tapete vermelho, pompa e agenda densa pela frente



**A China dá as boas-vindas ao presidente Trump e está disposta a ampliar a cooperação e administrar as diferenças"**

Guo Jiakun, porta-voz da chancelaria chinesa

entre os pontos críticos das negociações entre os dois líderes, avalia a professora de relações internacionais Denilde Holzacker, da ESPM. "Deve ter aí algum acordo para criação de um grupo de trabalho, pelo menos um canal de comunicação nessa área", arrisca, em entrevista ao **Correio**. "O interesse americano é conseguir garantias de acesso aos produtos chineses, mas também há preocupação com a troca de tecnologia", explica. "Para os chineses, é importante que os EUA retirem todas as restrições à tecnologia deles."

O comércio bilateral se perfila também entre os temas nos quais se espera atenção concentrada das

equipes das duas potências, depois de um 2025 marcado por seguidos rounds na batalha iniciada pelo próprio Trump, no primeiro mandato (2017-2021), e retomada em seu retorno à Casa Branca, no ano passado. Depois de ameaçar Pequim com sobretaxas de até 100% nas importações, o presidente norte-americano por fim acertou uma tregua, em outubro, mas a disputa segue em aberto.

"O comércio vai ser uma questão central, é importante para ambos destravar isso, após uma série de atritos na escalada tarifária", observa a professora da ESPM. "Também a questão dos investimentos chineses nos EUA e da abertura para as

empresas americanas atuarem na China vão estar sobre a mesa", acrescenta. Igualmente, Trump deve insistir na suspensão das restrições impostas por Pequim à exportação, para os EUA das terras raras e outros minerais críticos para tecnologias de ponta — desde semicondutores, baterias de última geração e até radares e mísseis. "Isso tudo tem impacto na cadeia global de valores", observa a professora.

### Irã e Taiwan

Trump deve aproveitar as ocasiões que terá para insistir com Xi sobre a

importância de usar a influência de Pequim junto ao Irã, na busca de um acordo para encerrar a guerra iniciada pelos EUA, com Israel, nos bombardeios sobre a República Islâmica, em 28 de fevereiro. Embora congelado na prática desde um cessar-fogo em vigor desde 8 de abril, o conflito se mantém à base de um bloqueio naval recíproco no Estreito de Ormuz, via marítima obrigatória para 20% do petróleo negociado nos mercados globais.

A China, que importa 90% do óleo que consome, manifesta crescente inquietação, e o chanceler Wang Yi voltou a insistir com o aliado Paquistão para que intensifique sua intermediação diplomática. "Teremos

Steven Cheung/X



### Rubio ostenta jaqueta usada por Maduro na captura

O diretor de comunicações da Casa Branca, Steven Cheung, publicou uma foto em que Marco Rubio, secretário de Estado dos EUA, aparece vestindo uma jaqueta semelhante à utilizada pelo ditador venezuelano, Nicolás Maduro, quando foi capturado por forças especiais, em 3 de janeiro passado. "O secretário Rubio arrasando com a (jaqueta) Nike Tech 'Venezuela' no Air Force One!", escreveu, pouco depois de o chefe da diplomacia de Washington embarcar para Pequim com Donald Trump e bilionários americanos.

uma longa conversa sobre isso", disse Trump à imprensa na partida de Washington.

Pelo lado chinês, Xi deve retomar as gestões para que Washington suspenda o fornecimento de armas a Taiwan, cuja reintegração efetiva à República Popular está entre as metas traçadas pela liderança de Pequim. Ainda em 2025, o governo Trump anunciou um pacote de US\$ 11 bilhões em material bélico para a ilha, mas o projeto segue em análise no Departamento de Estado. Formalmente, embora reafirme o compromisso histórico com a defesa de Taiwan, Trump mantém o reconhecimento do regime comunista como único representante da China.

## REINO UNIDO

# Starmer enfrenta rebelião e cargo está ameaçado

» RODRIGO CRAVEIRO

Há 597 dias no comando do Reino Unido, o primeiro-ministro Keir Starmer tenta sobreviver a uma rebelião dentro do Partido Trabalhista e manter-se no poder. A performance desastrosa dos governistas nas eleições locais de 7 de maio desatou uma crise histórica entre os trabalhistas — que perderam quase 1.500 cadeiras em conselhos municipais e assistiu a um desempenho significativo do ReformUK, o partido contrário à imigração. Com a derrota nas urnas, mais de 80 deputados trabalhistas colocaram em xeque a liderança do primeiro-ministro e cobraram sua renúncia.

A situação de Starmer acabou por ofuscar o tradicional discurso do rei Charles III, ontem, no qual o monarca apresenta sua agenda de governo ao Parlamento. Além do pedido de demissão feito pelos deputados,

quatro ministros adjuntos renunciaram, em clara demonstração de oposição ao chefe de governo. Entre as propostas anunciadas por Charles III, estão a ampliação das relações entre Londres e a União Europeia (UE), a redução da idade mínima para votar para 16 anos e a reforma do sistema de asilo para migrantes.

Na imprensa britânica, circula o nome do ministro da Saúde, Wes Streeting, 43 anos, como um potencial substituto de Starmer. O jornal *The Times* divulgou que Streeting pretendia deixar o cargo para focar-se na sucessão ao premiê. O líder trabalhista prometeu resistir a qualquer desafio. Uma disputa com Streeting pode ocorrer se o titular da Saúde obtiver o aval de 81 deputados do partido, 20% do grupo no Parlamento.

Para Anthony Glee, diretor do Centro para Estudos de Segurança e Inteligência da Universidade de Buckingham (Reino Unido), Starmer cometeu um erro não forçado

Toby Melville/AFP



Premiê Starmer na sessão da Câmara dos Comuns: futuro incerto

atrás do outro, praticamente desde o primeiro dia de seu mandato. "Ele chegou ao poder com menos de 34% do voto popular. Mas, por causa do sistema eleitoral britânico, de maioria simples, e da divisão na direita entre os Conservadores e o Partido Reformista, Starmer obteve uma vitória esmagadora, com 411 cadeiras no Parlamento", lembrou ao **Correio**. "Isso deveria ter garantido a ele dois mandatos, oito anos no poder. Em vez disso, depois de menos de dois, é muito provável que seja destituído do cargo pelo seu próprio partido."

### Impopular

De acordo com Glee, Starmer não era popular quando tornou-se premiê. "Ele não é animal político, mas um tipo advogado administrativo, além de desprovido de charme. Acima de tudo, seu julgamento sobre as outras pessoas é péssimo.

Ele fez escolhas terríveis, sendo Peter Mandelson (ex-embaixador britânico nos EUA) apenas o exemplo mais recente. O primeiro ano de governo foi totalmente desperdiçado e, com Rachel Reeves como ministra da Fazenda, Starmer ganhou a reputação de ser um 'rabugento', algo que os britânicos não apreciam", comentou.

O estudioso de Buckingham afirmou que o premiê alterou políticas sociais impopulares, mas necessárias para agradar à ala esquerda do seu partido. "Starmer permitiu que o ministro das Finanças tributassem empregos, aumentando o fardo sobre os agricultores. Prometeu controlar as fronteiras contra a entrada de migrantes em barcos, mas o número aumentou no primeiro ano", disse Glee. Esses gestos, na opinião dele, demonstraram a fraqueza de Starmer, apesar da sua ampla maioria, o seu medo da esquerda nas fileiras trabalhistas.